

Apresentação

ARTE, NOVOS ATIVISMOS SOCIAIS E PRÁTICAS PARTICIPATIVAS NA CONTEMPORANEIDADE

Com este número da Contemporânea – publicação acadêmica semestral e interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e de seus Grupos de Pesquisa “Comunicação, Arte e Cidade” e “Corps: corpo, representações e espaço urbano” – encerramos as atividades da Revista que desde 2009 divulga conhecimento produzido na área, publicando textos originais e inéditos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, estudos teóricos e empíricos, resenhas e entrevistas que contribuíram para o estudo da Comunicação em suas múltiplas interfaces.

Reuniram-se nesta última edição artigos que abordaram as relações entre arte, novos ativismos sociais e práticas participativas na contemporaneidade. Neste número, nos interessou trabalhos que privilegiaram: as principais transformações no mundo contemporâneo, abarcando as problemáticas no âmbito cultural e tecnológico; análises e interpretações sobre a relação e a simbiose entre a sociedade e as tecnologias de informação e comunicação; os processos identitários contemporâneos fruto desses novos processos sociotécnicos; bem como o crescimento de iniciativas colaborativas de coletivos e o surgimento de novas cenas sociopolíticas culturais no espaço urbano.

O que se propôs foi reunir um conjunto de artigos que refletissem sobre: o papel significativo das redes sociais para a construção de experiências socioculturais; os usos artísticos das tecnologias de comunicação para realizar novas formas de ação política; as novas práticas de ativismo e ações críticas nos espaços públicos e na internet; e, finalmente, as ações críticas de artistas que, por meio de tecnologias de comunicação, apresentam formas de participação e colaboração, mesclando arte e ativismo.

Este número divide-se em três blocos: o primeiro, intitulado **Sociabilidade, arte e território**, é inaugurado pelo artigo “So Far, So Close: distinção e políticas na Sofar Sounds, uma rede colaborativa de consumo de música ao vivo”, de autoria de Jeder Janotti Junior e Victor Almeida Nobre Pires, em que se busca abordar os aspectos distintivos e políticos de novas rotas e alternativas na configuração dos modos de fazer e produzir música ao

vivo. Para tanto, partem do estudo de caso do “Sofar Sounds” (Songs From a Room), uma rede colaborativa que possibilita a realização de pequenas apresentações intimistas nas residências de músicos e fãs para um seleto grupo de intermediários culturais. Na sequência, Bruno Pedrosa Nogueira, com o artigo “Pensando a cena musical a partir dos territórios informacionais”, apresenta a possibilidade de pensar o virtual no contexto da mobilidade e dos chamados territórios informacionais a partir de marcações virtuais associadas a um local. Finalmente, encerrando o bloco, Jhessica Reia propõe um olhar para as cidades como espaços capazes de construir e registrar mensagens, gerando práticas socioculturais diversas que são permeadas pelo cotidiano e pelas tecnologias da informação e da comunicação. Com o artigo “A cidade como palco: artistas de rua e a retomada do espaço público nas cidades midiáticas”, ela analisa o papel da arte de rua como forma ativa de (re)apropriação do espaço público urbano em disputa.

O segundo bloco, Participações e resistências políticas, inicia-se com o artigo “Os vínculos, a massa e as manifestações: comunicação e psicanálise”, de Potiguara Mendes da Silveira Júnior e Aristides Alonso. Os autores analisam a manifestações de “massa” recentemente ocorridas no Brasil a partir da teoria geral dos vínculos, que embasa a Transformática (teoria psicanalítica da comunicação). Na sequência, Gerson Luiz Martins e Janaína Ivo da Silva, considerando o contexto no qual a democratização da informação está em franca expansão, propõem em “Eleições na rede: fases e perspectivas da comunicação política” a análise de questões relacionadas às mídias sociais nas eleições, especificamente na construção e no uso do capital social e as características da conversação em redes digitais. Ainda sobre eleições e o advento das novas tecnologias digitais, Brenda Parmeggiani, em “A relação entre representante e representados no Facebook: um estudo de caso da fanpage de Dilma Rousseff”, empreende um estudo de caso da fanpage da presidente Dilma Rousseff com o intuito de analisar se a página é utilizada como ferramenta para incrementar o diálogo entre representante e representados. Na sequência, o artigo “Novos conceitos entram em cena pela Democracia”, de Elaine Barreto Batista, nos incita à reflexão sobre o exercício da cidadania na atualidade. Em “Cartografia das Redes da Revolta: fluxos políticos de oposição no Facebook”, Marcelo Alves dos Santos dedica-se ao estudo empírico exploratório do surgimento da rede de oposição radical, que aciona a retórica antipetista e antiesquerdista no Facebook. Encerrando o segundo bloco, João Guilherme Bastos e Fernanda Freire, em “Projeção das imagens e a ação política no Rio

de Janeiro: contribuições do estudo de situações sociais para análise de apropriações tecnológicas”, abordam a apropriação de tecnologias de projeção de imagens para ação política, particularmente a interação entre projeções e fotografias em ações políticas na cidade do Rio de Janeiro, tomando como base o estudo de situações de interação pela perspectiva dramaturgica proposta por Erving Goffman.

No terceiro bloco, intitulado **Conexões**, dois artigos completam a Revista: Therence Santiago Alves Feitosa apresenta a relação possível entre a música e a produção de sentidos referente a questões pertinentes à pós-modernidade em “Pop Filosofia: pós-modernidade e a produção de sentidos nas letras da banda Titãs”. A partir da análise das letras da banda Titãs o autor discute sobre os cenários de crises pelos quais a modernidade passava através das lentes do rock nacional. Em “A vida secreta de *A vida secreta de Walter Mitty*: considerações sobre vida e arte, imagem e invisibilidade, o banal e o extraordinário”, Ítala Vieira, tendo como contexto a reconfiguração da revista americana *Life*, propõe seguir os rastros que o filme suscita sobre a relação entre cinema, fotografia, comunicação e arte, oferecendo ao leitor um debate sobre arte e vida, imagem e invisibilidade, banal e extraordinário, prosaico e poético na cultura das mídias.

Boa leitura!

A equipe editorial.